



XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

AS MAIS BELAS HISTÓRIAS INFANTIS DE TODOS OS TEMPOS



A ROUPA NOVA DO REI

OS CISNES SELVAGENS



XUXA
APRESENTA

Conte outra vez



A ROUPA NOVA DO REI

pág. 1

A história que você vai ler agora é muito interessante, mas muito mesmo. Ela foi escrita há muitos e muitos anos, mas continua valendo até hoje, sem tirar nem pôr. É uma história que fala de gente que não tem confiança em si mesma, que sempre segue a opinião dos outros, do tipo maria-vai-com-as-outras. Um espertinho resolveu enganar um rei, que preferiu fazer um papel ridículo por medo de ser chamado de burro. E quase toda a cidade foi enganada também. Foi preciso uma criança para colocar as coisas no lugar. Leia a história e pense bem no que aconteceu. E depois me diga quem fez papel de bobo.

OS CISNES SELVAGENS

pág. 25

Eram onze cisnes, que estavam sempre juntos, sempre voando um ao lado do outro. Pareciam cisnes comuns, mas não eram. Eram onze príncipes, todos irmãos. Tinham sido enfeitados por uma bruxa que se casara com o rei, o pai deles, depois de se transformar em uma bela mulher. Além dos onze filhos, o rei tinha uma filha chamada Elisa, que a bruxa mandou para uma cabana na floresta. Só Elisa sabia que os cisnes eram seus irmãos, pois até o rei havia sido enganado pela feiticeira. Ela era jovem, delicada e sabia que ninguém mais poderia acabar com o encanto. Mas ela iria precisar de toda a sua coragem para enfrentar a bruxa. Será que conseguiu?



CONTE OUTRA VEZ — As Mais Belas Histórias Infantis de Todos os Tempos é uma edição extraída da obra **Era Uma Vez...**

Copyright © Gruppo Editoriale Fabbri S.p.A. (1966, 1988), Milano.
Copyright © Editora Globo S.A. (1988, 1991) para a língua portuguesa.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em computador ou transmitida de qualquer forma e por quaisquer meios, eletrônicos, mecânicos, por fotocópia, gravação ou outros, sem a permissão expressa e escrita do titular dos direitos autorais.

Editora Globo S.A.
Rua do Curtume, 665, CEP 05065, São Paulo - Telex (011) 54071, SP, Brasil.

Distribuidor exclusivo para as bancas em todo o território nacional:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907, CEP 20563, Rio de Janeiro, RJ.

IMPRESSÃO MARPRINT.

ISBN 85-250-0907-5 (obra completa)
ISBN 85-250-0916-4 (volume 9)

A roupa nova do rei



Ilustração: Pikka

Não havia no mundo homem mais vaidoso que o rei Olavo. Em vez de cuidar dos problemas do povo, ele passava o dia em frente ao espelho, experimentando roupas, sapatos e jóias.

Sempre que alguém ia procurá-lo, o ministro, em vez de dizer que o rei estava numa reunião, respondia que “sua majestade estava na sala de vestir”.

E a pessoa, fosse rica ou fosse pobre, tinha de esperar mais de uma hora para falar com o rei.





Um dia, apareceram no reino dois sujeitos muito espertos, que viviam de tapear os outros. Um era gordo e baixinho e se chamava Fá-mi-ré. O outro era comprido e magro e tinha o nome de Dó-ré-mi. Os dois planejavam arrancar uma fortuna do vaidoso rei Olavo e passar o resto da vida sem fazer nada.



Compraram uma casa e montaram o que parecia ser uma oficina de tecer e de costurar. Depois, saíram pelas ruas da cidade, parando cada pessoa que viam para contar uma porção de vantagens.

— Eu sou o maior tecelão do mundo — dizia Fá-mi-ré.

— E eu, um costureiro sem igual — garantia Dó-ré-mi.

A novidade logo se espalhou pela cidade. Alguns diziam que os costureiros eram capazes de fazer vestidos lindíssimos. E outros garantiam que os forasteiros sabiam costurar uma roupa mágica, que só podia ser enxergada por pessoas inteligentes e que soubessem trabalhar direito, enquanto os bobos e os burros não podiam ver nada.





O rei ficou animado logo que ouviu falar do tecido que só era visto por pessoas inteligentes.

— Mande chamar esses costureiros! — ordenou o soberano. — Quero que me façam um traje com essa fazenda. No meu guarda-roupa não pode faltar uma roupa assim. E depois, por causa da propriedade mágica, poderei reconhecer entre os meus servos quem é idiota. Assim, só quem for inteligente trabalhará para mim.

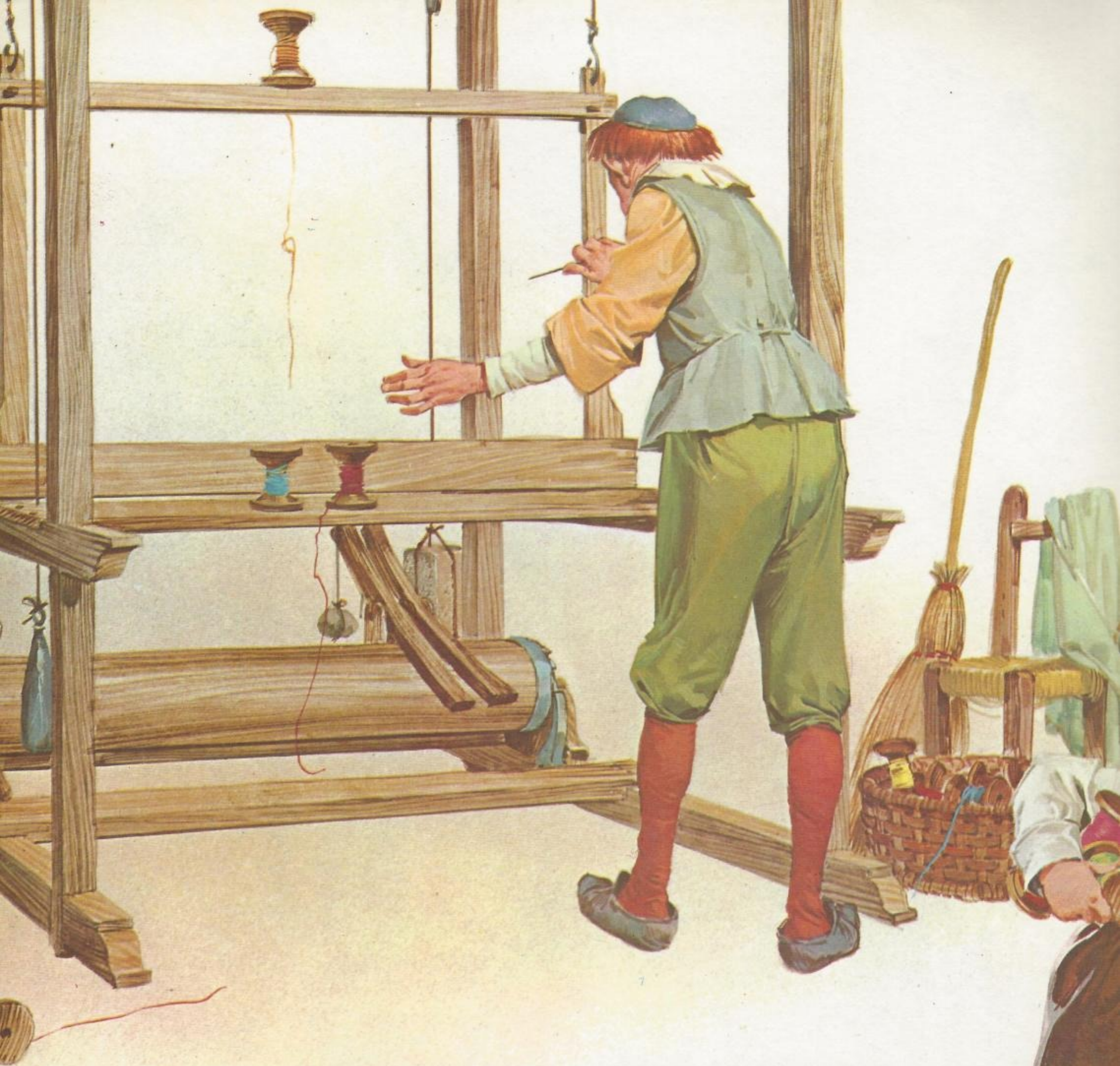


A ordem foi logo cumprida e, meia hora depois, Fá-mi-ré e Dó-ré-mi estavam na frente do vaidoso rei Olavo.

— Daqui a uma semana eu vou desfilar pela cidade — anunciou o soberano. — E quero vestir a roupa mágica.

— Claro, majestade, a gente faz para o senhor — disse Dó-ré-mi. — Mas avisamos que vai custar muito caro, porque o tecido é todo feito de seda e ouro.

— Não importa quanto custa — respondeu o rei. — Eu quero a tal roupa.



Os dois tratantes voltaram para casa e dali a pouco os mensageiros do palácio foram até a oficina levar rolos de fio de ouro e carretéis de seda.

— Anda, Fá-mi-ré, vamos esconder os carretéis de seda e os rolos de fio de ouro que o rei nos deu.

— recomendou Dó-ré-mi.

— Claro... Para fazer um tecido de nada, não precisaremos deste valioso material... — concordou o outro malandro, às gargalhadas.

— E agora ao trabalho! Não queremos fazer o rei esperar — riu Dó-ré-mi.



Durante todo o fim de semana, os vigaristas não puseram o nariz na rua. Ficaram trancados em casa, fingindo que trabalhavam para valer.

Quando chegou a segunda-feira, o rei não agüentou mais de curiosidade e chamou seu seu primeiro-ministro.

— Dê um pulo na oficina daqueles dois para ver como vai indo a minha roupa — ordenou.

— E preste atenção em todos os detalhes, pois eu quero ficar muito bem informado.

— Sim, majestade — respondeu o homem.

E saiu, tremendo de medo de não enxergar a roupa e passar por bobo diante do rei.



O ministro bateu na casa dos embrulhões. Um segundo depois, Dó-ré-mi abriu a porta com um enorme sorriso no rosto e pediu que o homem entrasse.

— Entre, seja bem-vindo, caro ministro! — exclamou o falso costureiro. — Venha ver como o trabalho está indo bem! Fá-mi-ré, saia da frente para que o ministro possa apreciar nossa arte...

O pobre ministro nem sabia para onde devia olhar. Mas o esperto Fá-mi-ré rapidamente começou a mostrar o tear vazio e a elogiar a qualidade do tecido que não existia:

— Veja, ministro, como é rico este bordado de ouro...





O ministro franziu a testa, arregalou o olho, chegou perto do tear, foi para mais longe. E não enxergou absolutamente nada.

“Do que é que eles estão falando, afinal?”, pensou. “Eu não vejo coisa alguma ali!”

— E então, excelência? — perguntou Dó-ré-mi. — O senhor gostou do tecido?

“Eu preciso dizer alguma coisa, senão o rei vai pensar que sou burro, e daí perco meu emprego”, pensou o ministro, aflito.

— Que esplêndido e fantástico tecido! — mentiu o homem, constrangido. — Nunca vi nada igual em minha vida. É tão macio, reluzente e sedoso...

— Ainda bem que o senhor gostou — disse Dó-ré-mi. — Tomara que o rei também goste. Mas diga a ele que, para terminar de tecer esta fazenda, ainda precisamos de muita seda e muito ouro. Como pode ver, restam vários bordados para fazer.



Os dois espertalhões ficaram morrendo de rir, enquanto o funcionário voltava para o palácio.

— Você viu o tecido? — perguntou o rei.

— Claro, majestade — respondeu o ministro. — Ou o senhor pensou que eu não era inteligente?

— De jeito nenhum — garantiu o soberano. — Mas, diga logo, como é o tal pano?

— É uma beleza, majestade — mentiu o outro. — Fino como asa de borboleta. Tem cores suaves e um bordado de ouro que parece feito pelos anjos. É uma verdadeira obra-prima, digna do senhor.

— Ainda bem, porque está me custando os olhos da cara — resmungou o rei. — E eles disseram quando a roupa vai ficar pronta? Estou ansioso!

— Não — informou o velho. — Só disseram que precisam de mais ouro e seda para continuar o serviço. Sabe o que é, majestade, eles ainda têm muitos bordados para fazer.



— Vou mandar tudo agora mesmo
— disse o rei. — Não quero
que nada atrase a encomenda.

E mandou um criado entregar
tudo aquilo que os vigaristas
tinham pedido:

— Vá até a oficina dos
costureiros — ordenou o rei.

— Mas por que logo eu? —
reagiu o pobre criado.

Na verdade, ele estava com
medo de não conseguir ver o
tecido. Mas como não podia
desobedecer ao rei, foi
correndo cumprir a ordem.

Quando chegou na oficina, o criado encontrou os dois falsos costureiros em plena atividade. Eles gesticulavam muito e faziam correr fios imaginários pela sala inteira.

O ingênuo funcionário do palácio, que não estava vendo nada, se aproximou. De repente, um grito ecoou na oficina.

— Ei! Cuidado! O senhor está pisando no pano! — falou Dó-ré-mi.

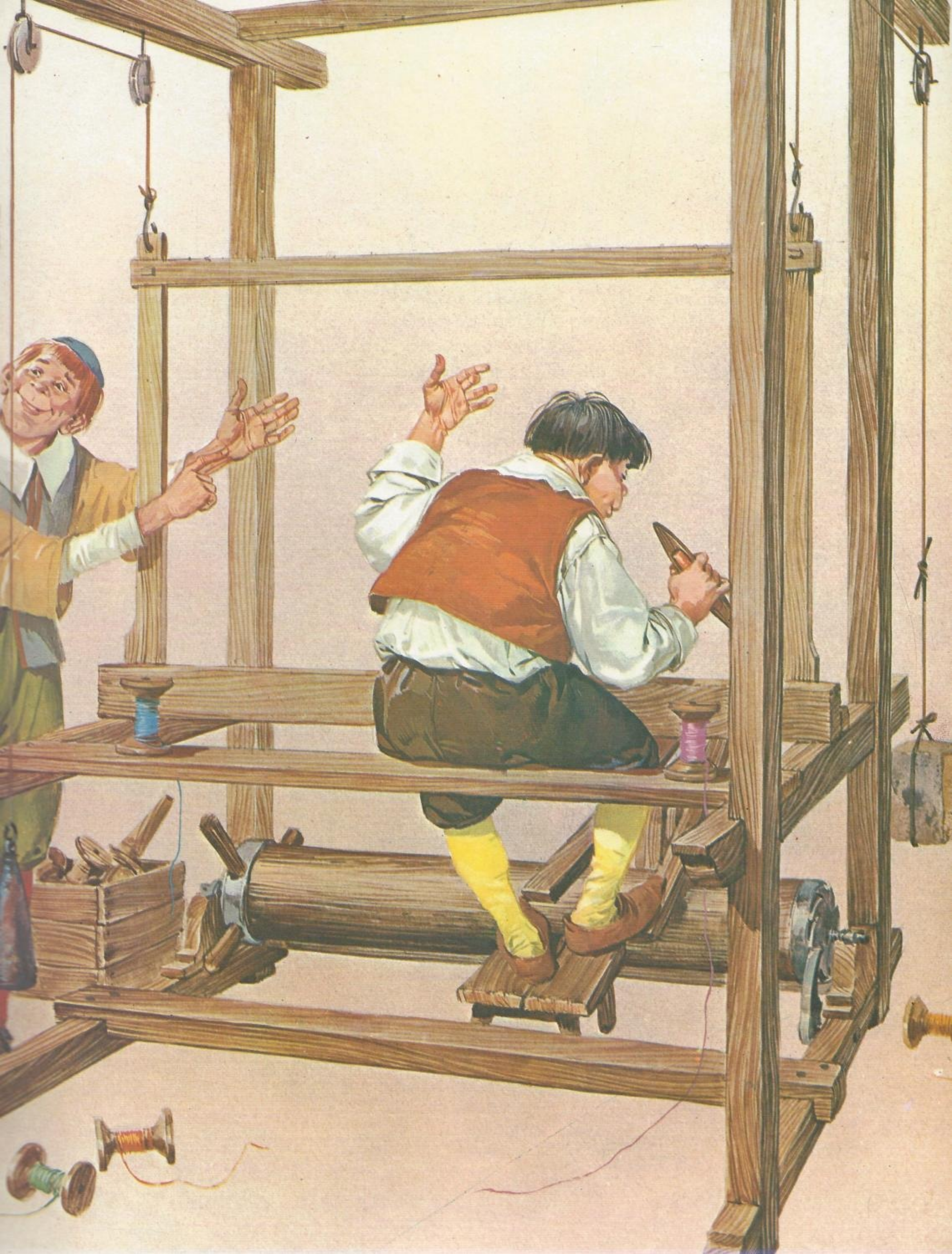
O criado então pensou:

“Acho que sou burro mesmo, pois não vejo nada de nada. Se o rei souber disso, vai me pôr no olho da rua!”

— Que beleza! Que cores lindas! — disse o pobre homem, tentando fingir que estava enxergando o tecido.

Satisfeitos por terem enganado mais uma pessoa, os dois embrulhões não perderam tempo e foram logo pegando a rica encomenda enviada pelo rei.





Assim que o criado entrou no palácio, o rei perguntou:

— E então? O que foi que você achou?

— É uma beleza, majestade — garantiu o homem.

E ficou quieto, com medo de dizer alguma coisa diferente do que o ministro tinha contado.

— Fale das cores, do bordado, da trama... — insistiu o rei, intrigado com aquele silêncio.

— É indescritível — disse o funcionário.

Já que não conseguia arrancar mais nada do velhote, o rei decidiu ir pessoalmente conhecer o tecido.





No dia seguinte, ele saiu com o ministro e com o criado. Foram para a casa dos trapaceiros.

— Majestade, quanta honra! — exclamou Dó-ré-mi.

— Por favor, entre... — convidou Fá-mi-ré.

O rei entrou na oficina e parou na frente do tear.

— Com sua licença, majestade, precisamos continuar o serviço — disse Fá-mi-ré. — Senão, o senhor não vai ter roupa nova para o grande desfile.

— Nem diga uma coisa dessa! — gritou o rei.

E continuou olhando com cara de bobo para o tear em que os dois embrulhões fingiam trabalhar muito.

— Olhe que colorido! — disse o ministro.

— O pano é maravilhoso, não é? — emendou o criado.

O rei fazia a maior força para ver, mas, por mais que tentasse, não conseguia enxergar nada.

“Eu é que não vou passar por burro”, pensou ele.

“Mas que eu não estou vendo nada, não estou mesmo!”



Para disfarçar seu constrangimento, o soberano desandou a elogiar o tecido. E Dó-ré-mi garantiu que ele ia gostar ainda mais da roupa pronta.

— É... Eu tenho certeza de que sim... — concordou o rei. — Quando é que vocês vão entregar?

— Daqui a dois dias, sem falta — disse Fá-mi-ré.

— Bom, sejam pontuais — respondeu o rei.

E tratou de ir embora antes que alguém percebesse que ele não estava vendo nada.



O rei voltou para o palácio muito preocupado com o que não tinha visto. E não falou uma palavra com ninguém. Na manhã seguinte, ordenou ao ministro e ao criado:

— Vão até a oficina ver se eles estão costurando minha roupa.

Os homens foram e encontraram os pilantras “ocupadíssimos”.

O rei não via nada, mas quis pegar na roupa. Um dos costureiros pediu que o soberano tivesse cuidado, pois a roupa era muito delicada. O rei segurou o vazio, mas tratou de ficar bem quietinho. Estava quase na hora do desfile, e avisaram que o povo aguardava ansioso.





Finalmente, chegou
o dia do desfile.

Os dois malandros foram
levar a roupa para o rei.

— Pronto, majestade
— disse Dó-ré-mi. —

Podemos garantir que
nunca fizemos nada mais
rico nem mais bonito.

— Veja só o manto —
pediu Fá-mi-ré, com os
braços estendidos como
se estivesse segurando
uma relíquia preciosa.

O rei não via nada, mas
quis pegar na roupa. Um
dos costureiros pediu
que o soberano tivesse
cuidado, pois a roupa
era muito delicada. O rei
segurou o vazio, mas
tratou de ficar bem
quietinho. Estava quase
na hora do desfile, e
avisaram que o povo
aguardava ansioso.

— Então vamos
contentar o povo... —
suspirou o rei.

“E torcer para que todo
mundo veja o que
o burro aqui não consegue
enxergar...”, acrescentou
ele, em pensamento.





O rei foi para a sala de vestir, junto com os espertalhões e mais dois criados. E postou-se na frente do espelho. Então, com muita cerimônia, Dó-ré-mi e Fá-mi-ré tiraram sua roupa e o deixaram só de camiseta e ceroulas. Depois, com gestos exagerados, vestiram nele a roupa maravilhosa que não existia.

— Serviu como uma luva! exclamou Fá-mi-ré, batendo palmas.

— E dizer que não fizemos nenhuma prova... — comentou Dó-ré-mi.

— Nunca estive tão elegante — disse o rei. — Vocês são mesmo mestres da alta-costura.



Nesse momento o ministro abriu a porta da sala de vestir e anunciou:

— Está tudo pronto para o desfile. Só falta o senhor aparecer.

— Estou indo — respondeu o rei.

E saiu do palácio. Atrás dele, o camareiro, muito sério, segurava a ponta do manto invisível.

O povo se apinhava pelas ruas. Assim que o rei apareceu, todos se ajoelharam com o maior respeito.

Na multidão, ninguém arriscava dizer que não enxergava roupa alguma, para não passar por burro na frente dos outros.



De repente, ouviu-se a voz de um
menininho:

— O rei esqueceu de pôr a roupa
— ria o garoto.

Foi o que bastou para todo o povo
reconhecer a verdade e cair na
gargalhada. Mesmo vermelho de
vergonha, o rei continuou
caminhando muito sério, fingindo
não ouvir a multidão.



“As crianças sempre falam a verdade”, pensou. “E eu fui um grande burro por não ver que os outros mentiam. Daqui para a frente, vou ser menos vaidoso e procurar reinar bem, para que ninguém tenha de mentir para mim.”

Os cisnes selvagens





Em um país distante vivia um rei com seus onze filhos e uma filha, chamada Elisa. A rainha já tinha morrido há muito tempo. Cansado da solidão, o rei resolveu se casar de novo, mas escolheu uma mulher que, apesar de muito bonita, era na verdade uma bruxa muito perigosa. Logo que chegou ao castelo, a malvada tratou de se livrar dos filhos do rei.

— Neste castelo mando eu — disse a bruxa. E disse que Elisa iria morar sozinha em um casebre na floresta. Quanto aos irmãos, a madrasta decidiu que seriam transformados em onze cisnes.



— Podem ficar com essas coroas idiotas — disse a bruxa. — E agora, fora daqui! Não me apareçam nunca mais.

Assim, os onze príncipes viraram onze lindos cisnes selvagens que, sob as ameaças da rainha, voaram pelas janelas do castelo em direção à floresta. A madrasta ficou satisfeita: seu plano dera certo. Só faltava agora acalmar o velho rei, que dali a algum tempo iria querer saber dos filhos.





Quando o rei perguntou à esposa onde estavam os príncipes, ela respondeu:

— Não se preocupe à toa. Eles são uns inúteis que preferem brincar a vir aqui visitá-lo. Quanto a Elisa, ela disse que não quer mais vê-lo.

O rei ficou muito triste ao saber daquela notícia, sem imaginar o que acontecia de verdade.

Enquanto isso, a pobre Elisa vivia sozinha numa pequena cabana no bosque, conversando com as flores e os animais, seus únicos amigos. Quando fez quinze anos, a menina criou coragem e resolveu procurar os irmãos. Atravessou toda a floresta, vales extensos e montanhas altíssimas. Até que um dia encontrou uma velhinha no caminho.



Elisa perguntou então se ela tinha visto passar por ali onze príncipes a cavalo.

— Não, moça — respondeu a velhinha. — Mas todas as tardes vejo onze cisnes selvagens com coroas de ouro na cabeça, chegando do mar.

Elisa logo teve certeza de que os cisnes selvagens eram seus irmãos desaparecidos. Ela agradeceu à velhinha, despediu-se e caminhou até o mar.

Decidida a esperar pelos irmãos, a menina se escondeu atrás de um arbusto. O sol já estava quase sumindo no horizonte quando, de repente, Elisa viu ao longe os onze cisnes selvagens. Todos tinham uma coroa sobre a cabeça e voavam em direção à praia. Elisa soltou um grito de contentamento ao reconhecer as coroinhas e saiu correndo ao encontro deles, gritando:

— Maninhos! Meus irmãos! Sou eu, Elisa, a sua irmã...







Os cisnes, que também a reconheceram, rodearam-na fazendo barulho e batendo as asas. Nem bem o sol se ocultou, as aves se transformaram em príncipes.

— Mas... que mágica é essa? — perguntou Elisa.

Os príncipes explicaram que era feitiço da madrasta. Durante o dia eles viravam cisnes e, à noite, retomavam a forma humana. Contaram ainda que moravam num lindo reino, além do mar:

— Precisamos voar dois dias inteiros para chegar aqui. Na metade do caminho, antes de o sol se pôr, pousamos no único rochedo entre as águas. Passamos a noite lá e, de manhã, voamos para cá, para matar a saudade...

Elisa pediu então que eles a levassem até lá. Depois de muitas discussões, os irmãos resolveram tecer uma rede grande e forte, feita de cipós e galhos, para que pudessem carregar a irmã durante o voo. Passaram a noite toda trabalhando e, quando o dia clareou, disseram a Elisa:

— Está pronta! Pode subir. Daqui a pouco nós viramos cisnes. Não tenha medo, a gente segura firme.

— Junto de vocês eu não tenho medo — disse Elisa. — Vamos decolar. Nossa, como é alto aqui!



Viajar daquela maneira era uma verdadeira aventura. No meio do mar, quando o sol já ia se pondo, Elisa e os cisnes chegaram ao rochedo onde iriam passar a noite. De manhãzinha, partiram novamente.



Maravilhada com a fantástica paisagem, levada pelos irmãos na rede, Elisa não se cansava de admirar tudo que via lá do céu infinito.

— Irmãos, como é lindo aqui em cima — ela dizia.

— Vejam! As cidades e os castelos parecem de brinquedo! Florestas, rios, caravelas, elefantes, muralhas... Olhem, este é o reino da fada Morgana!

De fato, para chegar à casa dos cisnes, era necessário atravessar o reino encantado de Morgana. Todo construído de nuvens, esse reino mudava de aspecto constantemente. E nenhum mortal nunca tinha posto os pés lá. Após algumas horas de voo, a viagem chegou ao fim. Elisa foi colocada pelos irmãos na entrada de uma caverna.



— Chegamos, maninha —
disseram os cisnes. —
Entre! Decoramos todo o
interior da nossa
caverna para poder
acomodar você. Arranjamos
um quarto e fizemos uma
caminha atapetada de
musgo verde e macio.
Esperamos que você
goste...





Elisa agradeceu e disse que tudo era muito bonito. Os príncipes sugeriram que ela fosse dormir, pois a viagem tinha sido longa e cansativa, e desejaram que a irmã tivesse bons sonhos.

— Tomara que eu sonhe com um meio de ajudar vocês — respondeu a menina. Ela estava tão exausta que logo caiu num sono profundo.

De repente, sonhou que voava muito alto, para um lugar distante, atravessando maravilhosos jardins de nuvens, até chegar a um imenso castelo.



Elisa ficou imaginando onde estaria e de quem seria aquele castelo tão lindo. Então ouviu:

— O castelo é meu, Elisa. Lembra-se de mim?

A menina reconheceu. Era a velhinha da floresta, só que bem mais bonita. Ela explicou:

— Eu sou a fada Morgana, e sei que seu maior desejo é libertar seus irmãos do feitiço que sua madrasta colocou. Eu posso ajudar você, mas não vai ser fácil.

Elisa garantiu que faria o que fosse preciso. Satisfeita, Morgana começou a explicar o que a menina teria de fazer.



A watercolor illustration of a forest scene. In the upper left, a tree trunk with green and yellowing leaves is visible. In the lower left, four blue birds with white chests and red beaks are gathered. In the lower right, a girl with long red hair, wearing a blue dress over a yellow shirt, is kneeling and working with green plants. To her right, several small white rabbits are visible. The background is a soft, hazy landscape with more foliage.

A tarefa era mesmo complicada e exigia muitos sacrifícios.

Elisa deveria tecer onze malhas para seus onze irmãos.

Só que em vez de usar fios, ela teria de trabalhar com ramos de urtiga. Tudo isso com muita paciência e amor, sem reclamar das picadas e das queimaduras que a planta lhe provocaria.

A fada Morgana fez então um último alerta:

— Lembre-se bem, Elisa.

Depois de começar a tarefa, mesmo que leve anos, você não deve pronunciar nem uma única palavra. Caso contrário seus irmãos morrerão imediatamente.



Ao acabar de falar, a fada tocou com a urtiga nas mãos de Elisa, fazendo-a despertar do sonho. A menina levantou-se e saiu da caverna. Bem ali perto cresciam densos arbustos de urtiga. Ela decidiu que começaria a trabalhar imediatamente, já pensando nas dores que sentiria ao colher e entrelaçar a planta.

Elisa trabalhou o dia inteiro e, à noite, tinha as mãos avermelhadas e cheias de bolhas. Mesmo assim, continuou sua tarefa no dia seguinte, sem reclamar. Uma tarde, tecendo a malha, ouviu barulho de cães e homens a cavalo se aproximando. Era o jovem rei daquelas terras, que saíra para caçar com seus criados. Curioso, ele perguntou à menina:

— O que você está fazendo sozinha neste bosque? Por que não responde? E por que esconde as mãos? Venha comigo. Se for tão bondosa quanto é linda, terá vestidos de seda e veludo e irá morar no meu castelo. Será a minha rainha!





O jovem soberano inclinou-se, puxou Elisa para colocá-la sobre a sela do cavalo e, a galope, foram para o palácio. Logo, o rei ordenou às camareiras que trouxessem os mais belos vestidos para a jovem, afirmando que um dia ela se tornaria rainha. Depois disse a Elisa que um dia entenderia o que a deixava triste e muda. Ele lembrou que já haviam visitado o palácio inteiro e ela não dera um único sorriso. E acrescentou:

— Mas quero mostrar uma coisa que vai deixar você alegre. Abra esta porta.

Elisa abriu a porta timidamente, e um sorriso iluminou seu rosto. Ali estavam o tapete de musgos, os feixes de urtiga e a malha que ela tecia. O rei disse que, com tudo aquilo, ela poderia matar as saudades da caverna. Em agradecimento, a jovem beijou a mão do rei.

Todas as noites ela passava horas intermináveis tecendo as malhas de urtiga, e suas mãos ficavam cada vez mais doloridas e vermelhas. Assim que terminou a sétima malha, a urtiga acabou. O único lugar em todo o reino onde encontraria aquela planta era o cemitério. Elisa estava amedrontada, mas ao se lembrar dos irmãos criou coragem. Sem ser vista, percorreu estradas escuras até chegar ao cemitério.



Atravessou o portão e mais que depressa
colheu as urtigas. O conselheiro do rei,
que já andava desconfiado, havia seguido a
menina e, ao ver aquilo, foi correndo
avisar seu soberano. Contou o que tinha
presenciado e disse que ela era uma bruxa.
O rei não quis acreditar. Então o
conselheiro propôs:

— Está bem. Da próxima vez que a
urtiga acabar, nós a seguiremos. Ficaremos
atrás do muro, e o senhor mesmo verá!





Daquele dia em diante o rei tornou-se triste. E Elisa nem imaginava que ela era a causa de tudo. Todas as tardes ela via os onze cisnes sobrevoando as torres do palácio, e isso lhe dava novo ânimo para continuar a tarefa. Quando faltava uma única malha para tecer, a urtiga acabou. Então, mesmo não gostando da idéia, voltou ao cemitério. O conselheiro, que sempre a vigiava, avisou o rei e os dois ficaram espantados ao vê-la inclinando-se entre os túmulos. O rei foi obrigado a concordar com o conselheiro. Disse que Elisa era mesmo uma bruxa, e que no dia seguinte seria presa.

A pobre menina foi atirada numa prisão escura e úmida. No lugar do veludo e da seda, deram-lhe como travesseiro e cobertor a urtiga que ela havia colhido e as malhas já tecidas. Nada poderia deixá-la mais contente, e ela continuou seu trabalho, sem que ninguém a consolasse com uma palavra de carinho. Certa noite, o carcereiro disse que o povo a havia condenado a morrer na fogueira. Elisa sacudiu a cabeça, chorando: se ela não acabasse em tempo a última malha, seus irmãos ficariam sob a forma de cisnes pelo resto da vida. Mas ela precisava terminar...





Então, continuou a tecer, cada vez mais depressa. Faltava apenas uma manga, quando ouviu passos pesados se aproximando da porta da cela. Era o carcereiro, que viera buscá-la para a fogueira. Ele pegou as malhas, a urtiga e disse que tudo seria queimado junto com ela.

A cidade inteira estava reunida para ver a morte de Elisa. Ela apareceu numa carroça e, mesmo assim, continuava a tecer. A multidão gritava:

— Queimem a bruxa! E também as suas malhas de urtiga!

Nesse momento, surgiram no céu os onze cisnes.

A multidão se espantou:

— Olhem!... Onze cisnes brancos se aproximam da carroça!... E têm coroas de ouro na cabeça...

Assim que pousaram a seu lado, Elisa atirou as malhas sobre os cisnes, que logo se transformaram em onze belos príncipes.



Só o último, aquele que recebeu a malha sem uma manga, ficou com uma linda asa branca de cisne no lugar de um braço. Os príncipes logo começaram a defender a irmã, afirmando que ela não era uma bruxa.

Nesse momento o rei se aproximou e exigiu que Elisa explicasse exatamente o que estava acontecendo. E, finalmente, a menina pôde falar.

— Sou inocente — explicou. — Meus irmãos foram transformados em cisnes pela nossa madrasta e, para livrá-los do feitiço, tive de tecer onze malhas e ficar calada até o fim do trabalho, caso contrário eles morreriam.

O rei disse que acreditava nela e, diante dos seus súditos, pediu que Elisa se casasse com ele e se tornasse sua rainha.

— Meu rei, aceito com o coração cheio de felicidade — respondeu a jovem.





De repente, no lugar onde estava a fogueira,
surgiu um enorme arbusto cheio de rosas vermelhas.
Os sinos começaram a tocar e, para comemorar, o rei
deu a maior festa que o reino já vira.



